

PREDICADOS ADJECTIVAIS: PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E ASPECTUAIS

SUSANA GOMES COSTA PEREIRA
(Escola Superior de Educação de Lisboa)

Na reflexão que tenho vindo a desenvolver sobre a construção de predicação secundária em português, a transcategorialidade dos fenómenos linguísticos é particularmente evidente, dado que as restrições que regulam a ocorrência de adjectivos em função predicativa são determinadas por factores de ordem diversa.

A definição destas restrições, e do que as motiva, apenas pode ser apreendida se se considerar em interdependência os valores construídos pelas diferentes categorias gramaticais que concorrem para a construção de significação.

O procedimento adoptado visa definir restrições ao nível da significação construída pelas categorias gramaticais da determinação nominal e do aspecto, no sentido de encontrar invariâncias que reflectam a especificidade do funcionamento da construção linguística em estudo.

Atendendo a que o funcionamento predicativo é uma operação de natureza qualitativa que "implica a dissociação entre a construção da propriedade predicada e a do termo sobre o qual incide essa propriedade e que constitui o seu suporte de localização situacional" (Franckel & Lebaud 1991: 218), parte-se do princípio de que o predicado adjectival é localizado, por intrincação, relativamente à relação predicativa, sendo esta um pré-construído¹ na enunciação em curso.

Neste sentido, a relação entre C1² e o predicado adjectival constitui uma operação de especificação (Paillard 1992), na medida em que é a predicação operada pelo predicado adjectival que é assumida pelo enunciador na situação de enunciação em curso, constituindo, por conseguinte, o objectivo do enunciado. Ou seja, é essa a informação validada pelo enunciador.

1. Restrições ao nível da construção da determinação nominal

A ocorrência de adjectivos em função predicativa é determinada pelos valores referenciais construídos para o argumento nominal que funciona como sujeito do predicado adjectival, isto é, para o argumento que ocupa o lugar de C1 da relação predicativa. Os contrastes apresentados em (1) — (3) ilustram a exigência de uma determinação qualitativa (QLT) de C1 para que o predicado adjectival obtenha uma interpretação predicativa³.

- (1) a. A Ana vestiu o casaco molhado.
b. #A Ana vestiu um casaco molhado.
- (2) a. O elefante comeu os amendoins torrados.
b. #O elefante comeu amendoins torrados.
- (3) a. A Maria comprou um livro desses barato.
b. #A Maria comprou um livro barato.

Nos exemplos (a) de (1)-(3), os adjectivos *molhado*, *torrados* e *barato* têm uma interpretação predicativa⁴, uma vez que é construída uma ocorrência situacionalmente estabilizada das noções /casaco/, /amendoins/ e /livro/. Esta estabilidade referencial é indispensável para que se possa efectuar sobre aqueles termos uma nova predicação.

Por outro lado, nos exemplos (b) de (1)-(3) a ocorrência do artigo indefinido *um* e do determinante zero (\emptyset) marca a predicação de existência dos blocos *casaco molhado*, *amendoins torrados* e *livro barato* que instanciam o lugar de argumento C1 na relação predicativa.

Nestes exemplos, o adjectivo tem uma interpretação restritiva (marcada pelo símbolo #), na medida em que é predicada a existência de C1 na enunciação em curso.

A construção de uma ocorrência qualitativa da noção permite a dissociação entre a situação de enunciação em que se constrói a existência dos termos que integram a relação predicativa e a situação de enunciação em que se valida a relação entre C1 e o predicado adjectival. Essa disjunção pode ser demonstrada facilmente se se introduzir um operador de negação nos enunciados em (1)-(3).

- (4) a. A Ana não vestiu o casaco molhado.
b. O elefante não comeu os amendoins torrados.
c. A Maria não comprou um livro desses barato.

Em (4) só o predicado adjectival se encontra no escopo da negação. Esta não incide sobre a relação predicativa, anteriormente construída, mas sobre a relação de predicação de que o predicado adjectival é marcador. Assim, (4a) pode ser glosado por *A Maria vestiu o casaco e o casaco não estava molhado*, o que

indica que a relação predicativa < Maria vestir casaco > é validada — assumida como verdadeira — independentemente da relação entre C1 e o predicado adjectival.

A determinação qualitativa de C1 reflecte uma exigência de estabilidade referencial. Por outro lado, o facto de C1 ser um pré-construído na situação de enunciação que valida a ocorrência do predicado adjectival encontra uma justificação ao nível da construção dos valores aspectuais.

2. Restrições ao nível da construção da determinação aspectual

Os exemplos em (5) ilustram a interdependência dos valores construídos composicionalmente pela determinação nominal e pela determinação aspectual.

- (5) a. O João comeu o bolo quente.
b. #O João comeu bolos quentes.

Nos enunciados em questão, as diferentes formas de estruturação interna do acontecimento linguístico — em (5a), um evento prolongado e, em (5b), uma actividade, de acordo com a tipologia de Vendler (1967) — resultam dos valores construídos pela determinação nominal que afecta C1⁵.

Na literatura sobre predicação secundária encontram-se propostas no sentido de definir as restrições aspectuais subjacentes ao contraste em (5), entre outros, a partir da consideração das propriedades semânticas dos predicados verbais que integram a relação predicativa.

As propostas referidas apresentam problemas de duas ordens: por um lado, não permitem representar a interdependência dos valores construídos pela determinação nominal e aspectual na determinação do valor aspectual construído numa dada situação; por outro lado, não possuem um mecanismo conceptual e teórico que permita dar conta da relação que se estabelece entre o predicado verbal e C1, e que permita, simultaneamente, distinguir entre o que é definido a um nível nocional ou primitivo e o que é construído no processo enunciativo.

O estudo dos valores construídos pela categoria aspecto deverá considerar a interdependência dos três planos de construção de significação. Em termos específicos, será pertinente considerar: no plano nocional, as propriedades semânticas primitivas da noção que constituirá o operador de predicação da relação predicativa; no plano sintáctico-semântico, a organização da relação predicativa; no plano enunciativo, a localização da relação predicativa no sistema referencial.

Deste modo, o cálculo do valor aspectual de uma determinada situação apenas pode ser feito tendo em conta os valores construídos pela localização enunciativa.

Admitindo que os predicados verbais têm um valor aspectual de base, determinado nocionalmente, são as operações predicativas e enunciativas construídas em situação que definem o valor aspectual construído. Neste sentido, não será produtivo definir uma tipologia aspectual de predicados verbais independentemente da localização e construção de referência no espaço enunciativo.

Abstraindo da fundamentação teórica apresentada em Pereira (no prelo), a partir da distinção discreto, denso, compacto, procurou-se identificar diferentes tipos de funcionamento aspectual, no sentido de definir as restrições que bloqueiam o funcionamento predicativo dos adjectivos.

Assim, foi possível verificar que o domínio de ocorrência de um adjectivo em função predicativa é restringido aos casos em que a ocorrência discreta do predicado verbal resulta de uma relação específica que se estabelece entre este e o seu objecto interno.

Para simplificar, pode dizer-se que um adjectivo apenas pode funcionar como predicado quando o predicado verbal define um objecto interno que, ao delimitar a extensidade da situação, define um limiar semântico ou fronteira de completamento. A passagem do limiar semântico dará lugar à predicação de uma propriedade, isto é, à construção de um estado resultante.

Nos exemplos apresentados em (5), apenas em (5a) se pode considerar que há a passagem de um limiar semântico e a construção de um estado resultante. Por essa razão, é possível a localização do adjectivo *quentes* relativamente à relação predicativa estabilizada.

Convirá salientar que o predicado verbal *comer* apresenta, como valor de base, um funcionamento discreto, ao contrário do que acontece com um predicado verbal como, por exemplo, *correr*, ao qual se associa um funcionamento denso.

No entanto, em (5b), as operações predicativas e enunciativas envolvidas constroem uma situação de tipo denso, bloqueando o funcionamento predicativo do adjectivo.

No mesmo sentido, será a impossibilidade de construção de um estado resultante a partir de um objecto externo - uma vez que não se pode estabelecer uma relação entre a construção do último ponto da situação e um qualquer estado do objecto - que está na base da agramaticalidade dos exemplos em (6).

- (6) a. *O João nadou as piscinas sujas.
b. *O atleta correu os 100 metros molhados.

Nestes exemplos, o funcionamento predicativo do adjectivo é inviabilizado porque as propriedades semânticas dos predicados verbais em questão não definem nocionalmente a existência de um objecto interno, impossibilitando a

construção de um estado resultante e, conseqüentemente, a estabilização da situação.

No entanto, com predicados do tipo de *nadar* e *correr* podem ser construídas situações de tipo discreto, sendo a delimitação-quantificação da actividade construída por elementos que funcionam como "discretizadores": objectos externos, em (7a) e (7b), adjuntos quantificadores não-temporais e temporais-aspectuais, em (7c) e (7d). Contudo, em qualquer dos casos não é construído um estado resultante.

- (7) a. O atleta correu os 100 metros.
 b. O João nadou dez piscinas.
 c. O João nadou até ficar sem fôlego.
 d. O João nadou durante duas horas.

Verifica-se, portanto, a necessidade de articular as propriedades do predicado verbal com as propriedades e a determinação de C1 para explicar a possibilidade / impossibilidade de ocorrência de um predicado adjectival.

Assim, como se referiu anteriormente, para que se possa estabelecer uma relação intricada entre uma relação predicativa saturada e um segundo elemento predicativo, exterior à lexis elementar, é necessária a dissociação entre o plano de validação da lexis elementar e o plano em que se valida a predicação de uma propriedade sobre um termo estabilizado.

Admitindo, na sequência de Vogüé (1991: 52), que a problemática do completamento deve conceber-se como a combinação de uma problemática da transitividade — há transitividade na medida em que o objecto é afectado pelo processo —, e de uma problemática da estabilização — é necessário que essas propriedades que 'transitam' sobre o objecto se estabilizem sob a forma de um estado resultante —, poder-se-á considerar a lexis estabilizada, em termos aspectuais, se houver a construção de um estado resultante.

Ao partir do princípio de que "a enunciação constrói (a) uma relação predicativa, (b) um sistema de coordenadas enunciativas ou sistema referencial e (c) a localização da relação predicativa nesse sistema" (Campos 1998:25), assume-se que qualquer relação predicativa tem de ser localizada em relação a um sistema parametrizado de coordenadas enunciativas, compreendendo este um localizador situacional-origem (Sit₀ ou situação de enunciação), um localizador do momento de locução (Sit₁ ou situação de locução), e um localizador do acontecimento linguístico (Sit₂).

Assim, a relação predicativa é validada numa classe ordenada de instantes⁶ à qual se associa um tempo abstracto T₂, o tempo do acontecimento linguístico, sendo este localizado no sistema referencial que tem T₀ como localizador temporal origem.

Os diferentes valores aspectuais construídos nos enunciados resultam da forma como o acontecimento linguístico é estruturado linguisticamente. Essa estruturação interna pode ser representada topologicamente sob a forma de intervalos.

No caso da representação de situações de tipo discreto, T_2 é representado como um intervalo fechado $[]$, indicando a fronteira de fechamento à direita que o acontecimento já não está em curso em T_0 . A construção de um estado resultante é representada como um intervalo adjacente a T_2 , aberto à direita $] [$, uma vez que se prolonga até T_0 , incluindo este ponto.

Admitindo que o predicado adjectival, em virtude de predicar uma propriedade sobre um sujeito, é validado, tal como a relação predicativa, numa sequência de instantes, poderá igualmente ser representado por intermédio de um intervalo de instantes.

Na sequência desta descrição dos factos, importa definir o tipo de relação que se estabelece entre o predicado adjectival e a relação predicativa pré-construída, por um lado, e, por outro, verificar se são definidas restrições relativamente ao tipo de adjectivos que podem ocorrer em função predicativa.

3. Propriedades semânticas e aspectuais do constituinte adjectival

No enunciado em (5a), o intervalo de instantes associado ao predicado adjectival *quente* será um intervalo fechado, na medida em que coincide, em todos os seus pontos, com o intervalo fechado que representa a situação construída pela relação predicativa em T_2 .

Considere-se agora os exemplos em (8):

- (8)
- a. *A Maria vestiu o casaco azul.
 - b. *O João comeu as maçãs pequenas.
 - c. *Ele saltou o muro grande.
 - d. *Resolveram o exame fácil.
 - e. *O João comeu a sopa alentejana.

Nestes exemplos, o adjectivo tem uma interpretação restritiva, sem que se possa verificar a violação de qualquer das restrições anteriormente definidas.

Os dados em (8) parecem indicar que determinados adjectivos admitem apenas uma interpretação restritiva, não podendo funcionar como predicados. Contudo, nos enunciados apresentados em (9), verifica-se o funcionamento predicativo dos mesmos adjectivos que ocorrem em (8a) a (8d).

- (9)
- a. A Maria comprou o casaco azul.
 - b. O João comprou as maçãs pequenas (demais para assar).
 - c. Ele construiu o muro grande.
 - d. Elaboraram o exame fácil.

Nos enunciados em (9), os predicados adjectivais não especificam o intervalo de instantes associado ao acontecimento linguístico T_2 . O intervalo aberto definido pelos predicados adjectivais coincide, em todos os seus pontos, com o intervalo adjacente a T_2 , que representa o estado resultante. Neste caso, o intervalo associado ao predicado adjectival não coincide com um intervalo fechado, mas com um intervalo aberto à direita, representando uma situação estativa, em curso em T_0 .

Assim, pode dizer-se que, neste caso, o predicado adjectival qualifica o estado resultante, correspondendo essa qualificação à sua realização linguística.

Pelo contrário, em (5a) o estado resultante, que corresponde à situação estativa 'o bolo está comido', não é qualificado. O que é qualificado pelo predicado, nestes casos, é o estado em que se encontrava o objecto interno na sequência de instantes associada a T_2 , e não o estado do objecto em T_0 .

Colocam-se neste momento duas questões pertinentes: por um lado, saber o que bloqueia o funcionamento predicativo dos adjectivos em (8); por outro lado, saber se o facto de a predicação efectuada pelos adjectivos ser representada, nuns casos, por um intervalo fechado, noutros, por um intervalo aberto, está relacionada com características semânticas desses adjectivos.

Admitindo que para que um enunciado seja bem formado é necessário que os tipos de estabilização de cada um dos termos constitutivos sejam compatíveis, poder-se-á dizer, como resposta à primeira questão, que o problema reside na incompatibilidade entre o valor aspectual construído pela relação predicativa — que define um intervalo fechado — e o valor aspectual construído pelos predicados adjectivais — que definem um intervalo aberto —, não sendo, por isso, possível a predicação de uma propriedade sobre C_1 na sequência de instantes associada a T_2 .

Em (9) há compatibilidade entre o valor aspectual construído pela relação predicativa — que define um intervalo fechado, mas permite a qualificação do intervalo aberto adjacente — e o valor aspectual construído pelos predicados adjectivais, cujo intervalo aberto coincide com o intervalo que representa o estado resultante, qualificando-o.

Face aos exemplos apresentados, poder-se-á considerar que é o predicado verbal que determina se a especificação operada pelo predicado adjectival vai incidir sobre o intervalo de instantes associado a T_2 , ou sobre o intervalo de instantes adjacente a T_2 . Todavia, os exemplos em (10) parecem contradizer esta hipótese⁷:

- (10) a. A Maria cortou o cabelo molhado.
b. A Maria cortou o cabelo curto.

Em (10) são os predicados *molhado* e *curto* que, localizados relativamente à relação predicativa < A Maria cortar o cabelo >, definem, respectivamente, a qualificação do intervalo de instantes fechado associado a T₂ em (10a), e a qualificação do intervalo de instantes aberto adjacente a T₂ em (10b).

Na literatura sobre predicação secundária, nomeadamente em Carbó (1988), postula-se que os adjectivos não estão isentos de um certo valor aspectual implícito. Com base nos dados do espanhol, Carbó propõe a seguinte generalização: só adjectivos com valor aspectual [+ perf.] — valor associado à expressão de propriedades acidentais e à possibilidade de coocorrência com *estar* — podem actuar como predicados secundários.

A proposta de Carbó não se adequa aos dados, na medida em que prevê o funcionamento restritivo dos adjectivos em (8), mas não explica o seu funcionamento predicativo em (9).

Segundo Gomez-Diaz⁸ (1992), "quase todos os adjectivos são polissémicos podendo, por conseguinte, ser compatíveis com *ser* ou *estar* dependendo da acepção em que são considerados". A partir de exemplos do espanhol, apresentados em (11), Gomez-Diaz discute diferentes acepções do adjectivo *claro*.

- (11) a. El presidente fue muy claro (sincero) en su explicación.
 b. El sonido de esta guitarra es muy claro.
 c. La salsa está muy clara todavía.

Em (11a) o enunciador recorre a um juízo subjectivo para estabelecer uma relação entre um termo e uma propriedade que o qualifica; em (11b) *claro* exprime uma propriedade definitória, validável em todos os momentos, do termo que qualifica; em (11c) *claro* reenvia a uma propriedade externa encarada relativamente a uma fronteira.

Assume-se, portanto, que em função da localização enunciativa em que estão envolvidos, os adjectivos ocorrem com *ser* quando o enunciador identifica C0 a uma propriedade, classificando-o, como acontece em (11a) e (11b); ou com *estar* quando o enunciador localiza C0 relativamente à situação, como se verifica em (11c).

Em termos gerais, pode dizer-se que quando um adjectivo ocorre com *ser* a operação é do tipo identificação, na medida em que há uma classificação operada pelo enunciador; quando um adjectivo ocorre com *estar* a operação é do tipo localização, na medida em que o enunciador localiza a propriedade relativamente ao contexto situacional.

Com efeito, os adjectivos que ocorrem nos exemplos (5a) e (9) podem ocorrer com *ser* e *estar*.

- (12) a. Este clima é quente.
b. O bolo está quente.
- (13) a. O casaco é azul.
b. A chama está azul.
- (14) a. Estas maçãs são pequenas.
b. As maçãs estão pequenas este ano.
- (15) a. O muro é grande.
b. O muro está grande.
- (16) a. O exame é fácil.
b. Este exame está (demasiado) fácil.

Em (12a) opera-se uma classificação tendo a temperatura como critério, poder-se-ia ter igualmente *Este clima é mediterrânico*. Neste caso, o enunciador cria uma classe a partir da propriedade, utilizando-a como critério de classificação.

Tendo em conta a especificidade do funcionamento predicativo, poder-se-á dizer que a especificação operada pelo predicado adjectival, em (5a) e em (9), corresponde necessariamente a uma operação do tipo localização: o predicado adjectival é situado nas coordenadas de tempo-espço. O facto de o predicado adjectival definir, num caso, um intervalo fechado e, nos outros, um intervalo aberto poderá estar relacionado com as suas propriedades semânticas.

Importa, contudo, salientar que, nos exemplos em (9), os predicados adjectivais têm uma interpretação predicativa porque são compatíveis com *estar*. De facto, o enunciador não os encara como critérios de classificação, pelo contrário, o enunciador quer ter em consideração a propriedade ou estado atingido, localizando-os relativamente à situação de enunciação.

Adjectivos como *alentejana* ocorrem necessariamente com *ser*, sendo objecto, portanto, de uma identificação, isto é, C0 é classificado como X. Como tal, será difícil fazê-los entrar numa relação de localização situacional, donde a necessidade de fazer intervir de forma explícita o enunciador, como acontece em (17):

- (17) a. Não considero este vinho alentejano.
b. O marido da minha irmã considera-se alentejano.

O facto de não poderem ocorrer com *estar* indica que estes adjectivos são dificilmente localizáveis na situação de enunciação. Estão particularmente envolvidos em operações de identificação (identificação entre sujeito e predicado), tratando-se de uma localização enunciativa efectuada a um nível puramente nocional.

Dada a impossibilidade de funcionar como predicado adjectival nas construções do tipo das consideradas acima, a sua localização relativamente à situação de enunciação tem de ser mediada por um juízo subjectivo do enunciador.

Em (17), *alentejano* pode funcionar como predicado porque a localização não é feita em relação às coordenadas temporais, mas sim às coordenadas subjectivas da situação de enunciação.

Em (17a) será em função do parâmetro subjectivo que é tida em conta a predicação da propriedade *alentejano* sobre C1, entrando em jogo operações de identificação/diferenciação da ocorrência construída relativamente ao domínio nocional associado à propriedade predicada.

Em (17b) o enunciador origem distancia-se, isto é, não se responsabiliza pela propriedade predicada. Por esta razão este enunciado assume uma interpretação contrastiva, ou seja, dizer *o marido da minha irmã considera-se alentejano* não significa que ele seja de facto alentejano, na verdade, parece indicar o contrário.

Os enunciados em (17) merecem um estudo aprofundado, que não cabe obviamente neste trabalho, na medida em que são os valores modais construídos pelas operações de localização enunciativa que determinam o funcionamento predicativo do adjectivo.

Para terminar, retoma-se o que se disse no início desta comunicação. Sendo a relação que se estabelece entre o predicado adjectival e C1 uma operação de especificação assumida pelo enunciador na enunciação em curso, é necessário, em primeiro lugar, que a relação predicativa que localiza o predicado adjectival esteja estabilizada.

Em segundo lugar, é necessário que os valores aspectuais construídos sejam compatíveis. Isso implica que os adjectivos sejam localizados relativamente à situação de enunciação.

Por fim, os adjectivos que não possuem propriedades aspectuais que lhes permitam ser localizados relativamente ao parâmetro temporal da situação de enunciação, são localizados relativamente ao parâmetro subjectivo da situação de enunciação, construindo valores modais diferentes da asserção estrita que se verifica nos restantes enunciados.

Notas

1 O conceito de *pré-construído* constitui um conceito operatório que assume particular importância na explicação de problemas como a determinação nominal e a modalidade. Em termos gerais, pode dizer-se que uma relação predicativa construída como validada relativamente a um localizador-origem externo ao enunciado em curso constitui, neste último, um *pré-construído*.

2 A relação predicativa, ou lexis, representa o que se pode designar como um 'conteúdo proposicional' e funciona como uma forma geradora de enunciados, resultando estes de um conjunto de operações de localização de natureza predicativa e enunciativa. Sendo a relação predicativa uma relação de três lugares, constituída por um operador de predicacão, e dois argumentos, C0 e C1, o termo C1 não designa por si próprio nada mais do que o termo que completa um esquema sintáctico ocupado por um verbo, sem nada se inferir das relações entre ambos (Franckel & Paillard 1992: 30-31).

3 Nos exemplos (a) de (1)-(3) as operações de determinacão nominal evidenciam um valor qualitativo preponderante, não se verificando, contudo, uniformidade no que respeita aos marcadores que constituem o vestígio dessas operações. Esta questão foi discutida em Pereira (1998), pelo que se refere aqui sucintamente.

4 Contrastando com o que sucede nos exemplos em (b), os enunciados em (1a) e (2a) são ambíguos, permitindo a interpretaçã restritiva ou predicativa de *molhado* e *torrados*. Nos casos de ambiguidade a interpretaçã predicativa é privilegiada. Para uma explicaçã destes casos veja-se Pereira (1998).

5 Apenas em (5a) o adjectivo *quente* funciona como predicado. A introduçã de um operador de negaçã permite verificá-lo, na medida em que (i) é interpretado como *o João comeu o bolo e o bolo não estava quente*, enquanto (ii) é interpretado como *o João não comeu bolos quentes*, isto é, não comeu bolos de todo.

(i) O João não comeu o bolo quente.

(ii) O João não comeu bolos quentes.

6 As coordenadas temporais do sistema referencial enunciativo são definidas como seqüências ordenadas de pontos ou *instantes* (Culioli 1983: 103 ss), representáveis metalinguisticamente, num espaço topológico que se pode identificar a uma recta, como *intervalos* (*op. cit.*: 105-106), ou seja, seqüências contínuas de pontos, com características topológicas determinadas.

7 Naturalmente que com verbos de construcão do objecto não é possível a qualificacão do intervalo que corresponde à realizacão do acontecimento em T2 porque a existêcia do objecto ainda não está construcida, apenas é possível a qualificacão do estado resultante.

(i) *O João construiu o muro molhado.

(ii) O João pintou o muro molhado.

8 Embora Gomez-Diaz utilize aos conceitos de propriedade inerente vs propriedade não-inerente, opta-se por não usar esses termos. Esta opçã é determinada por diversos factores. Por um lado, a classificacão de adjectivos apresentada não é exaustiva; por outro lado, os conceitos em questã não são suficientemente claros, uma vez que são repetidamente utilizados sob perspectivas diferentes. A distincão entre propriedades inerentes e não-inerentes foi referida na apresentacão desta comunicacão, agradeço aos participantes na discussã que se lhe seguiu o facto de terem salientado os problemas que ela coloca.

Bibliografia:

- CAMPOS, M. H. C., 1998, *Dever e poder: um subsistema do sistema modal do Português*, Lisboa, JNICT, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARBÓ, M. L. H., 1988, "En torno a la sintaxis y la semântica de los complementos predicativos en español" in M. L. Carbó *et alii* (eds.), *Estudi Generali* 8, 7-29.
- CULIOLI, A., 1983, "Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique" in S. Fisher & J.-J. Franckel (eds.), *Linguistique, énonciation. Aspects et détermination*, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 99-113.
- FRANCKEL, J.-J. & D. LEBAUD, 1991, *Les figures du sujet. A propos des verbes de perception, sentiment, connaissance*, Paris, Ophrys.
- FRANCKEL, J.-J. & D. PAILLARD, 1992, "Objet: construction et spécification d'occurrences", *Le Gré des Langues* 4, 29-43.
- GOMEZ-DIAZ, M., 1992, "Emploi de *Ser* & *Estar* avec des adjectifs, en référence à l'anglais" in J. Guillemin-Flescher (Dir.) *Linguistique contrastive et traduction* T.1, Ophrys, 129-156.
- PAILLARD, D., 1992, "Réperage: construction et spécification" in *La Théorie d'Antoine Culioli ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 75-88.
- PEREIRA, S., 1998, "Repensar o 'efeito de indefinidade' - uma abordagem enunciativa", in *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. II, Lisboa, Colibri, 185-197.
- PEREIRA, S., (no prelo), "Objecto interno / objecto externo e predicação secundária", in *Actas do Congresso Internacional A investigação do português na África, América, Ásia e Europa: balanço crítico e discussão do ponto actual das investigações*, Ibero-Amerikanisches Institut PK, Berlin 23 -27 Março de 1998.
- VENDLER, Z., 1967, *Linguistics in philosophy*, Ithaca, New York, Cornell University Press.
- VOGÜÉ, S. de, 1991, "La Transitivité comme question théorique: querelle entre la Théorie des Positions de J.C. Milner et la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives d'A. Culioli", *LJNX* 24, *Sur la Transitivité dans les langues*, 37-65.